

Duas “bandas” de uma mesma história

Comunicação

*Fernando Martins de Oliveira Neto
IF Baiano – Campus Catu
fernandomartinsmusical@gmail.com*

Resumo: O presente texto é um relato de experiência e, ao mesmo tempo, um memorial afetivo de duas circunstâncias vividas em bandas de música em diferentes instituições educacionais do ensino médio profissionalizante. A primeira, enquanto adolescente, estudante do ensino médio na década de 1990, encantado pela descoberta do fazer musical e do aprender a tocar instrumentos musicais, dentre outras aprendizagens próprias desta época. A segunda, como professor de música licenciado, dando início a um projeto de banda de música escolar em uma instituição de ensino sem prévias atividades no âmbito da educação musical e com todos os desafios pertinentes ao período de concepção de um grupo musical. O que há em comum entre as situações vividas é a percepção de que as atividades musicais experimentadas coletivamente são significativas e propícias ao desenvolvimento dos diversos campos de formação dos participantes, a saber: o cognitivo, o musical, o afetivo, o psicológico e o social.

Palavras-chave: Bandas de música escolares; Música e juventude; Música no Ensino Médio.

A primeira banda da história

Minha história com bandas de música escolares se iniciou em 1994, quando ingressei na então Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte - ETFRN, hoje IFRN. No período da seleção para o ingresso nesta instituição, tomei conhecimento das atividades esportivas e culturais que a mesma oferecia aos estudantes, dentre elas, a Banda de Música, informação que despertou em mim o real interesse em ingressar na mesma. Mal sabia que minha relação com este gênero de grupo musical se tornaria tão significativo e relevante em meu futuro. Ecoo, aqui, Lima (2005) sobre o papel da banda de música em sua própria vida:

a banda de música é, para minha vida, um grupo de referência; uma experiência da qual até hoje retiro ensinamentos e lições de vida. Nela convivi boa parte da minha adolescência e juventude. [...] Ali aprendi a respeitar regras; a compartilhar problemas e soluções; a construir novas aspirações, opiniões, atitudes, ou seja, adquiri outra visão de mundo. (LIMA, 2005, p. 12).

Tendo ingressado na desejada escola, já nos primeiros dias de aula busquei informações sobre a forma de acesso ao grupo musical que almejava ingressar. Descobri que bastaria uma entrevista e um breve teste prático com o professor e maestro e, a depender do resultado, poderia participar do grupo. Foi nesse momento que eu conheci o professor e maestro Marcos Aurélio Lima, aquele que seria grande referência e inspiração em minha trajetória na educação musical.

O teste consistia em escutar atentamente sequências rítmicas executadas, uma por vez, pelo maestro, e, após cada execução, repeti-las, da forma mais idêntica possível e dentro da pulsação que as mesmas tinham sido realizadas. Anos a frente, compreendi que aquele teste era inspirado em Martenot, que, segundo FIALHO e ARALDI (2011, p.178), “o professor pronuncia ritmicamente uma célula em “lá lá lá” ou outra sílaba, e os alunos repetem. É importante que o professor crie essas células e que vá dificultando gradativamente incluindo figuras como síncofes e quiáleras”.

Após alguns dias do teste feito, a notícia tão esperada chegou: fui aprovado para o ingresso na banda. A princípio, almejava aprender a tocar saxofone, mas tive que esperar o surgimento de vaga para o instrumento, já que todos estavam sendo utilizados por alunos veteranos. Sendo assim, inicialmente, participei tocando caixa, instrumento de percussão também conhecido como tarol. Além de aprender a executar algumas sequências rítmicas, aprendi também a marchar enquanto tocava, a memorizar os passos, movimentos coreografados e posicionamentos para apresentações. Paralelamente, participava de aula de teoria e leitura musical, além de práticas com flauta doce, utilizada, por indicação do maestro, na iniciação dos interessados em aprender instrumentos de sopros da banda.

Sem ter plena consciência do que estava acontecendo, me via desbravando uma imensidão de conhecimentos, linguagens e aprendizagens: leitura e interpretação da escrita musical tradicional, técnicas para tocar instrumentos de percussão e sopro, exercícios de respiração, limpeza e manutenção de instrumentos musicais, sincronia e rítmica de movimentos corporais e exercício da memória.

Acrescento à esta lista a riqueza das aprendizagens sócio afetivas, tanto pelas relações estabelecidas e aprofundadas entre os membros da banda nos ensaios, viagens e apresentações, quanto pela transposição dos limites da introspecção ocasionados pela

timidez; a elevação da autoestima proporcionada pelas apresentações artísticas que o grupo realizava e também o prazeroso sentimento de pertença a um grupo que representava a instituição que me proporcionava tudo isso.

Estas múltiplas aprendizagens e benefícios ocasionados pela participação em um grupo musical como a banda de música são listadas por Higinio (2006):

inicia-o no aprendizado da música, [...] torna-o mais sociável, alegre e feliz, pois o convívio em grupo desenvolve o espírito de cooperação e de humildade; fortalece o civismo; desenvolve o senso de responsabilidade, pontualidade e obediência, bem como a noção de cumprimento do dever e o companheirismo fraterno[...]. Além dessas vantagens, aprimora a sensibilidade e o gosto artístico (HIGINIO, 2006, p.60).

Ao concluir o Ensino Médio, um grande hiato de tempo separou a experiência que eu vivi nos anos 1990 dos tempos atuais, nos quais eu, agora professor de Música, vivencio uma nova experiência, não mais como músico aprendiz e participante de banda, mas de responsável por uma.

Em abril de 2018, assumi o cargo de professor de Música no Instituto Federal Baiano, mais precisamente no *Campus* Catu, há cerca de 80 quilômetros de Salvador. Ao chegar no local de trabalho, fui recebido pela comunidade acadêmica com certa surpresa, pois não era esperado um professor de música por lá.

Apesar da notável surpresa e da aparente ausência de demandas prévias para um professor de música naquela instituição, fui, aos poucos, buscando oportunidades e possibilidades de implementação do ensino da Música ali, me inteirando sobre projetos anteriores realizados por profissionais de outras áreas ou até mesmo pelos próprios alunos, e realizando um levantamento dos instrumentos musicais já existentes na instituição.

Após conversas com a direção, percebi que havia um grande interesse em oferecer atividades musicais para a comunidade estudantil. Nestas conversas iniciais, pude constatar que era bastante concreta a possibilidade de criação de uma Banda de Música.

A história com a segunda banda

Após um período de trâmites burocráticos e administrativos, adquirimos instrumentos musicais para a formação da Banda. Era o primeiro passo para a realização do desejado projeto. Foram adquiridos, ao todo, 54 instrumentos, entre percussão e sopro, como consta na tabela 01.

Tabela 01: Instrumentos adquiridos para a Banda

Instrumentos	Quantidade
Bumbo fuzileiro	4
Caixa tipo tarol	4
Caixa de guerra	4
Pratos (par)	4
Atabaque	4
Lira	4
Trompete (em Sib)	8
Trombone (em Sib)	4
Bombardino (em Sib)	4
Tuba (em Sib)	2
Saxofone Tenor (em Sib)	4
Saxofone Alto (em Eb)	4
Saxofone Soprano (em Sib)	4

Fonte: O autor

Agora, com instrumentos em mãos, era hora de buscar alunas e alunos dispostos a iniciarem junto comigo a empreitada da banda. Como não sabíamos ainda se seria uma

banda marcial, uma fanfarra, uma fanfarra marcial ou outra nomenclatura, decidimos, a princípio, chamá-la de banda de música, pois

o termo banda tem assumido significados que, embora aproximados entre si, deixam transparecer os diferentes contextos e atores, que, em épocas e locais diversos, compuseram e compõem conjuntos musicais de variadas combinações instrumentais (LIMA, 2007, p. 33).

A busca começou no início do primeiro semestre de 2019, quando convidei para uma reunião as alunas e os alunos que tocassem algum instrumento, que fossem interessados em música ou que intencionassem aprender a tocar um instrumento musical. Esta divulgação se fez: presencialmente, por convites nas salas de aula; visualmente, através de cartazes pelos corredores e virtualmente, por compartilhamento de *cards*¹ nos grupos de *whatsapp*. No dia, horário e local informados, estava aproximadamente uma centena de estudantes.

A reunião motivou a inscrição de cerca de 60 possíveis interessados em participar de uma etapa inicial que consistiria em encontros semanais nos quais seriam apresentados conceitos musicais iniciais e noções de linguagem musical como base para a compreensão da partitura.

Inicialmente, foram apresentados aos interessados e interessadas o som enquanto elemento fundamental para a existência da música, bem como as suas propriedades (timbre, altura, intensidade e duração).

Antes de tocar – Aprendendo sobre o som

Ao falar sobre timbre, exemplifico convidando-os a perceber a variedade dos sons audíveis, seja do ambiente em que estamos, seja da parte externa a este. Inspiro-me aqui no que defende Murray Schafer, que, segundo FONTERRADA (2011),

desde finais da década de 1960, vem procurando desenvolver entre alunos e pessoas que o cercam a consciência a respeito da paisagem sonora. Em muitas de suas composições, ele chama a atenção do ouvinte para sons que considera importantes de serem ouvidos e, hoje, estão sendo esquecidos, como os sons da natureza (FONTERRADA, 2011, p. 278).

¹ Espécie de peça publicitaria em forma de imagem para compartilhamento nas redes sociais, especialmente *whatsapp*.

Sigo exemplificando com a variedade das vozes dos presentes até chegar na diversidade sonora dos instrumentos musicais. Neste momento, utilizo os próprios instrumentos da banda para exemplificar a diversidade dos timbres e a tênue variação entre os sons de instrumentos que pertencem a um mesmo grupo para aguçar-lhes a sensibilidade auditiva.

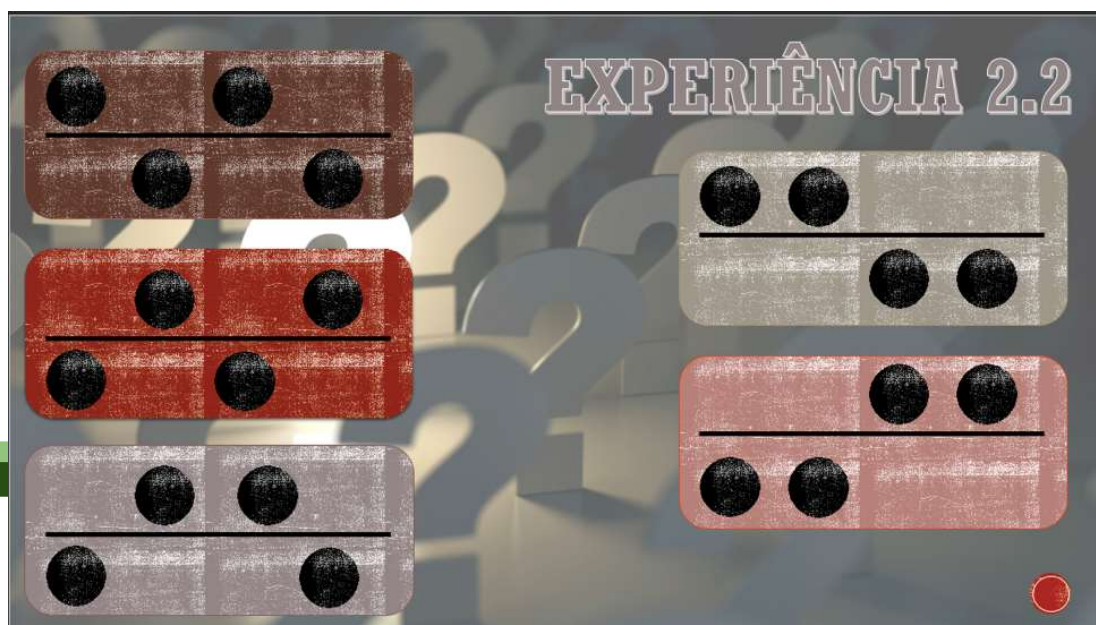
Ao falar de altura, utilizo os instrumentos que produzem sons mais graves (tuba, trombone, bumbo, sax tenor) e agudos (trompete, sax soprano, lira, caixa clara) e progrido no diálogo inserindo uma simbologia para dar início a ligação entre o som escutado e o escrito, indicando a relação de altura entre dois ou mais sons. Com o auxílio desta simbologia, estabelecemos a compreensão de que, na forma escrita, os símbolos posicionados verticalmente superiores no espaço indicado para a grafia representam sons agudos, enquanto os posicionados verticalmente inferiores, sons graves, sempre relacionando dois ou mais sons, como mostrado na figura 01 e defendida por Kodály, quando nos diz, segundo SILVA (2011), que “a representação das alturas fora da pauta musical sugere a direção melódica”.

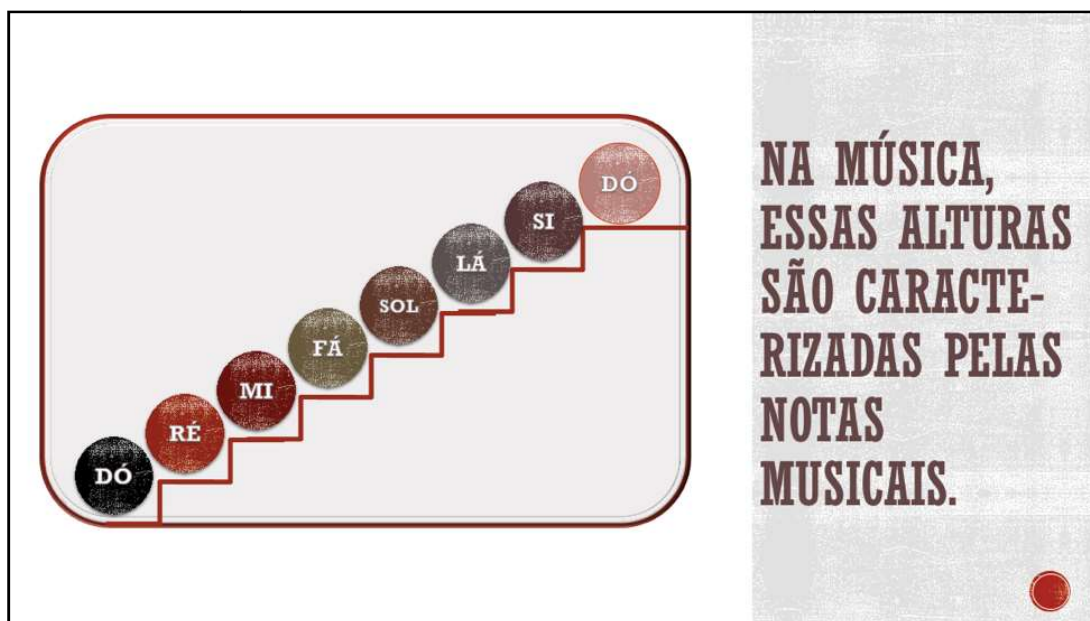
Figura 01: Exemplos de gráficos de altura.

Fonte: O autor.

Ainda falando sobre a altura dos sons, passo a tratar das notas musicais e as represento graficamente utilizando o exemplo da escada cujos degraus partem da nota DÓ (localizado no degrau inferior) até o degrau da nota DÓ oitavada (na parte superior da escada), conforme a figura 02.

Figura 02: Escada das notas musicais.



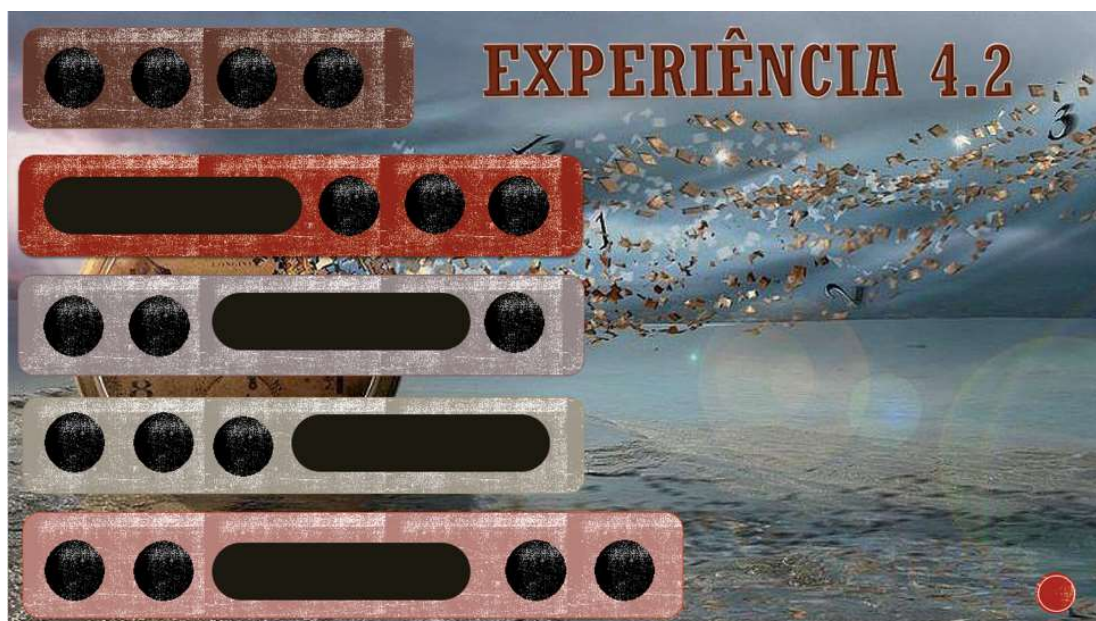


Fonte: O autor.

Ao falar da intensidade, utilizo os instrumentos de percussão para exemplificar, pois desta forma, todos os presentes podem participar da atividade prática, executando os instrumentos variando a intensidade ao tocá-los segundo gestual do regente com significados previamente estabelecidos.

A duração é abordada utilizando a voz de todos para exemplificar sons curtos e sons longos. Neste ponto, também faço uso de simbologia para indicar a ordem, a quantidade e a duração dos sons a serem executados em seqüências simples, inspirado em Dalcroze que, segundo MARIANI (2011, p. 42), utilizava “desenhos como linhas curtas e longas, ‘estrelinhas` pretas e brancas, e uma série de outros modelos gráficos para reconhecer a duração das notas dentro de uma pulsação”, como exposto na figura 03.

Figura 03: Exemplo de gráficos de duração.



Fonte: O autor.

Aos que persistiram frequentes nos encontros introdutórios, foi dada a oportunidade de experimentar e escolher, dentre as opções de instrumentos musicais possíveis, aquele ao qual dedicariam seus esforços de aprendizagem. A partir deste ponto, o grupo se dividiu em dois subgrupos: o primeiro, formado por quem pretendia tocar algum instrumento de percussão e o segundo, formado por quem pretendia tocar instrumento de sopro. Passei a reuni-los separadamente e dedicar mais tempo e atenção aos ensinamentos sobre as especificidades de cada instrumento musical. Também a partir deste ponto, passei a, de forma mais frequente, abordar os elementos da escrita musical tradicional, apresentando-lhes o pentagrama, as claves, as figuras de valor sonoro, bem como suas respectivas pausas, e as funções de cada um destes símbolos.

Os primeiros sons: a prática instrumental

Os participantes do primeiro grupo, o da percussão, passaram a utilizar imediatamente os instrumentos escolhidos. Com este grupo, passei a abordar a grafia musical apresentando sequências rítmicas escritas no pentagrama, utilizando inicialmente semibreve, mínima, semínima, colcheia e suas respectivas pausas. À medida que apresentavam domínio na execução das sequências mais simples, evoluímos para outras

mais complexas, envolvendo fusas, semifusas, contratempos e quiálteras. Paralelo aos exercícios de leitura, solicitava dos participantes a execução destas mesmas seqüências nos próprios instrumentos, de modo que compreendessem a execução na leitura e a reproduzissem na prática. Quando surgiam dúvidas ou inconsistência na compreensão, eu mesmo reproduzia a seqüência e solicitava deles a repetição.

Escrevi para este grupo oito seqüências rítmicas que convencionamos chamar de módulos. Quatro destes módulos eu os transcrevi a partir de fragmentos de minha própria memória, aprendidos na época do ensino médio, guardados a partir das lembranças dos arranjos criados pelo maestro Marcos Aurélio, e que os colegas de banda me ajudaram a memorizar através de frases criadas para facilitar a associação entre o arranjo escrito e o som das seqüências sonoras a serem executadas na caixa, conforme o arranjo da figura 04.

Figura 04: Exemplo de arranjo c.

The image shows a musical score titled "BLOCO 2 - MARCHAS" by Fernando Martins. It is labeled "MÓDULO 1" and is in 4/4 time. The score consists of four staves for percussion instruments: Caixa, Surdo, Pratos, and Bombo. Each staff begins with a double bar line and a repeat sign. The Caixa part has a complex rhythmic pattern of eighth and sixteenth notes. The Surdo part has a simpler pattern of quarter notes with rests. The Pratos part has a steady quarter-note pattern. The Bombo part has a simple pattern of quarter notes.

Fonte: O autor, inspirado no arranjo original do maestro Marcos Aurélio de Lima.

Os outros quatro módulos foram frutos de pesquisa sobre bandas e grupos percussivos marciais que tinham este repertório em seus arquivos. Selecionei quatro sequencias que continham frases para os instrumentos de percussão semelhantes aos que temos em nossa banda: bumbo, atabaque, prato e caixa.

Iniciamos o processo de aprendizagem dos módulos passando frase por frase, instrumento por instrumento, observando a ergonomia exigida por cada instrumento, os diversos modos de manuseio das baquetas, as várias maneiras de se produzir som, as formas

de tocar explorando a intensidade dos sons, produzindo ataques e rufados. Aos poucos, a turma da percussão foi desenvolvendo segurança e prática no tocar seus instrumentos. Por vezes, quando eu não conseguia dar a atenção imediata individual a um ou a outro estudante, um terceiro que já apresentava maior desenvoltura na execução ou no manuseio do instrumento, se disponibilizava a ajudar e tirar as dúvidas do colega, repassando as frases ou sequência rítmica. Aos poucos, aquele amontoado de jovens ia ganhando feições de equipe.

Em um horário diferente, um pouco antes do momento de encontro com o grupo da percussão, eu me reunia com o grupo do sopro, que passou um período praticando leitura musical com o auxílio da flauta doce até tocarem as primeiras músicas, para, no passo seguinte, experimentarem e escolherem o instrumento de sopro que tocariam oficialmente. Como foi permitido aos estudantes permanecerem com a flauta temporariamente sob suas responsabilidades, os mesmos a levavam consigo pra suas casas. Este procedimento possibilitou-lhes um contato maior com o instrumento, além de lhes proporcionar mais momentos de estudo e prática musical, segundo suas possibilidades e condições.

Com a flauta doce, inicialmente orientei-os quanto ao manuseio do instrumento, desde desmontagem para higienização, reforçando que o mesmo seria de uso pessoal e privado durante todo o período em que estivessem por ele responsáveis, até exercícios de respiração e digitação das notas. Deste ponto em diante, apresentei pequenos trechos e frases musicais escritas no pentagrama, com o objetivo de familiarizar a leitura e identificação dos sinais da escrita musical e a associação entre grafia das notas e digitação na flauta.

Inicialmente, utilizei os símbolos utilizados anteriormente na exemplificação das propriedades do som, relacionando-os aos novos símbolos que aos poucos se lhes era apresentado, os da grafia tradicional, o que possibilitou uma assimilação quase que instantânea. Cada nota, cada compasso, era lido e praticado lentamente para que todos compreendessem o significado de toda a simbologia, e com atenção ao aprendizado de todos, tendo em vista que as músicas que seriam tocadas pela banda teriam seus arranjos escritos e distribuídos aos participantes valendo-se desta grafia musical em forma de partitura.

Com a flauta doce, os integrantes do grupo do sopro chegaram a tocar seis pequenas músicas: “Peixe vivo”, “Marcha, soldado”, “Parabéns pra você”, “Atirei o pau no gato”, “Trecho da 9ª Sinfonia de Bethoven” e “Asa branca”. Esta última, inclusive, seria a primeira música que tocariam com o instrumento que escolhessem logo que encerrassem a etapa inicial com a flauta doce. A escolha das músicas se deu levando em consideração o nível de dificuldade gradual para o desenvolvimento da leitura e da digitação das notas. Ao passarem por estas músicas, era chegado o momento da escolha do instrumento que iriam definitivamente tocar. Poderiam escolher entre o trompete, o trombone, os saxofones alto, tenor e soprano, o bombardino e a tuba.

Infelizmente, o número de alunas e alunos que permaneceram até esta etapa de aprendizado não foi o suficiente para a ocupação de todos os instrumentos de sopro que dispúnhamos, pois muitos desistiram devido a quantidade de compromissos escolares que se lhes são impostos pela rotina de estudos e pelo pouco tempo que dispunham para atividades extras. A quantidade de instrumentistas bem como os instrumentos escolhidos seguiu de acordo com a tabela 02.

Tabela 02: Participantes do grupo do Sopro

Instrumentos	Quantidade
Trompete	2
Sax alto	3
Bombardino	2
Tuba	1

Fonte: O autor

Chegado o momento em que começariam a utilizar o instrumento de sopro que haviam escolhido, os integrantes do segundo grupo compreenderam desde os primeiros momentos que esta seria uma etapa mais exigente, pois, ao contrário da flauta doce, instrumentos como trompete, bombardino, trombone e tuba exigiriam não somente maiores força de sopro e controle respiratório, como também uma embocadura diversa da que estavam acostumados a utilizar. Esta dificuldade não se constituiu tão grande para

os que escolheram o saxofone, pois este instrumento se assemelha à flauta, tanto na embocadura, quanto na digitação das notas. Porém, para os que escolheram os instrumentos da família dos metais, o período de adaptação à nova embocadura e o modo totalmente diferente de digitação das notas em pistos ao invés de orifícios, requereu dos mesmos uma dedicação maior e também maior paciência, pois o processo de aprendizado da produção do som nestes instrumentos é mais demorado, comparando com o tempo em que os alunos e alunas que escolheram o saxofone levaram para a produção do som no mesmo.

Por ser um projeto inédito em uma escola não estruturada para fins de atividades artístico-culturais, o espaço que nos foi destinado para as aulas com instrumentos e futuros ensaios para a banda foi um salão amplo, sem preparo ou isolamento acústico, usado algumas vezes como auditório, situado no primeiro andar de um prédio afastado dos demais prédios onde ficam as salas de aula. Graças a esta distância, as práticas com instrumentos e os ensaios não atrapalham as aulas. Neste mesmo prédio, há, no térreo, uma sala para acondicionamento dos instrumentos, com alguns armários, mesas e caixas. Nesta sala, acontecem também ensaios e aulas com grupos menores e ela é também utilizada quando necessitamos separar dois grupos de estudantes de instrumentos diferentes para praticarem sem que os sons uns dos outros os atrapalhem mutuamente.

Som coletivo: a prática de conjunto

Durante os primeiros meses desde o início do projeto, as atividades relacionadas à banda de música se resumiam a preparação dos interessados através das aulas teóricas e práticas instrumentais. Ao passo que os estudantes evoluíam em seus respectivos instrumentos, passamos a nos reunir em grupos para a prática de conjunto e, aos poucos, conseguimos iniciar ensaios gerais.

A organização dos ensaios realiza-se da seguinte forma: reúno-me primeiramente com os instrumentistas do sopro e separo-os por instrumentos, direcionando-os para locais diferentes e com certa distância. Geralmente, um grupo fica na sala dos instrumentos, outro no salão da parte superior, e ainda outro grupo na parte externa do prédio. Alterno-me na orientação dos três grupos, observando a execução de cada um, corrigindo o que é preciso e

respondendo possíveis dúvidas. Ao passo que conseguem executar em conjunto o que lhes foi proposto, juntamo-nos em um só grupo com todos do sopro para executar a música proposta.

Após aproximadamente uma hora com o sopro, libero-os para um breve intervalo e passo a me reunir com os instrumentistas da percussão que é um grupo bem mais numeroso. Geralmente, todos do grupo ensaiam juntos. Passa-se a voz de cada grupo de instrumento separadamente e, depois, é feita a passagem à duas vozes, e assim, sucessivamente, acrescentando uma voz a mais até passar todos os naipes percussivos. Quando todo este grupo demonstra segurança na execução coletiva, passamos a incluir o grupo do sopro para integrar o ensaio geral do dia.

A sistematização do ensaio é imprescindível para atingirmos os objetivos didáticos do processo de ensino e aprendizagem que fundamenta uma atividade musical coletiva. Muitos são os estudantes que não tiveram experiência prévia em grupos musicais, por isso, esta dinâmica gradativa que parte da escuta e prática individual e se amplia na escuta do todo, fortalece a compreensão de que o coletivo se faz com a simultaneidade da execução de diferentes vozes.

Quando todo o grupo se une, é comum observarmos participantes que demonstram maior segurança no aprendizado e que assumem um papel importante de referência. Tal referência é mais notável entre os instrumentistas da percussão, e é expressa na forma como eles se comunicam com olhares, gestos curtos, expressões faciais ou movimentos corporais, numa espécie de regência, lembrando aos colegas uma certa convenção, virada, ou mudança rítmica que deve ser executada coletivamente.

Por ser formada por estudantes de cidades diferentes, o ensaio sempre acaba em horários diferentes para alguns participantes. Os que moram na cidade em que a escola está situada geralmente podem ficar até a hora em que o ensaio realmente termina. Já os que moram em outras cidades e que realizam o trajeto no transporte coletivo escolar do respectivo município ficam atentos ao horário do ônibus e geralmente precisam se ausentar um pouco antes do fim.

Hora de tocar: a primeira apresentação

O primeiro compromisso de apresentação para o qual fomos oficialmente convidados foi o desfile cívico municipal do Dia da Independência, em 07 de Setembro de 2019, evento do qual a escola há muitos anos não participava e que se constituiu um dos maiores eventos municipais. A possibilidade de desfilar conferia à banda a grave responsabilidade de representar a instituição neste retorno à participação do evento. Por isso, o convite soava desafiador, haja vista que o grupo começara a se reunir em abril do mesmo ano e, considerando que o período de aulas teóricas e práticas iniciais duraram aproximadamente dois meses, contando também com um recesso de quinze dias entre o final de junho e começo de julho, restou-nos pouco menos de dois meses para nos prepararmos para a apresentação.

Neste espaço de tempo entre o retorno do recesso e o desfile, dedicamo-nos exaustivamente ao ensaio musical e marcial, já que a banda tocava marchando pelas principais ruas da cidade. Podemos dizer que uma outra fase do processo de aprendizado começava neste ponto, já que uma coisa era a prática instrumental, outra bem diversa era tocar o instrumento marchando em uma espécie de coreografia na qual se considerava: deslocamento em linha reta, curvas à direita e à esquerda, acíves e declives; distanciamento equivalente entre os participantes, seja pelas laterais, seja pela frente; e a sincronia que a marcha impõe, exigindo de todos os participantes a simultaneidade dos passos e outros movimentos.

Apesar do pouco tempo, o empenho de todos e a expectativa da primeira apresentação despertou em grande parte do grupo um forte sentimento de responsabilidade e de pertencimento. Poucos não eram assíduos e eram perceptíveis a concentração e a coesão do grupo, assim como era perceptível também a dificuldade de alguns na tentativa de unir o tocar ao marchar. Com o passar do tempo e com o prolongar dos ensaios, ao contrário do que muitos pensaram inicialmente, uma ação auxiliava na execução da outra, e não o contrário.

Como o número de instrumentistas de sopro era muito inferior ao número de instrumentistas da percussão, o que tornaria o som dos primeiros quase inaudível, considerando que estaríamos em espaço aberto e concorrendo com o som de outras

bandas, decidimos, à poucos dias do desfile, que a banda marcharia somente com instrumentos de percussão, o que fez com que os alunos e alunas do sopro precisassem aprender e marchar com um outro instrumento diferente do qual já estavam habituados e habituadas. Tal fato não comprometeu a apresentação, pois o entusiasmo por estarem representando a instituição e o fato de pela primeira vez se apresentarem como grupo superava outros sentimentos.

Considerações finais

Chegando o grande dia, o desfile aconteceu com tranquilidade e brilhantismo. O grupo percussivo apresentou-se pela primeira vez tocando seus oito módulos por quatro horas quase ininterruptas, pelas ruas da cidade. Nossa escola, com a banda e mais algumas dezenas de participantes, entre alunos e professores, abrilhantou o desfile ao lado de outras escolas públicas e particulares do município. Existiam outras bandas no evento, inclusive bem mais preparadas e numerosas que a nossa.

Não tínhamos o fardamento impecável, como muitas bandas e fanfarras presentes tinham, pois foi tudo tão rápido que não conseguimos nos organizar a tempo de providenciar um detalhe importante como este que requer grande e prévio planejamento, mas ousou dizer que estávamos revestidos de orgulho e de entusiasmo. Ao final da apresentação, estavam todos exaustos fisicamente, alguns com os dedos feridos pela baqueta, mas igualmente felizes e realizados pelo marcante momento.

Nossos planos atualmente foram interrompidos pela pandemia do Sars-Covid-19. Nosso projeto era desfilar este ano de 2020 com mais instrumentistas, com o sopro mais preparado e numeroso, estreando o uniforme, o pavilhão da escola e da banda, palavras de ordem, passos novos, repertório novo, mas não foi dessa vez. Os planos foram adiados, possivelmente para o ano que vem. Atualmente, estamos nos conectando somente para matar a saudade e comemorar virtualmente os aniversários dos participantes, esperando que este período de distanciamento passe para recomeçarmos de uma maneira nova, porém não menos fortalecedora e gratificante, de tocarmos juntos, como grupo, como banda.

Referencias

FIALHO, Vania Malagutti; ARALDI, Juciane. *Educando com e para a vida*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibplex, 2011. p 157-184.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *O educador musical em um mundo em mudança*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibplex, 2011. p 275-303.

HIGINO, Elizete. *Um século de tradição: a Banda de Música do Colégio Salesiano Santa Rosa*. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos sociais) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006.

LIMA, Marcos Aurélio de. *A banda estudantil em um toque além da música*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2007.

LIMA, Ronaldo Ferreira de. *Bandas de música, escolas de vida*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

MARIANI, Silvana. *A música e o movimento*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibplex, 2011. p 25-54.

SILVA, Walênia Marília. *Alfabetização e habilidades musicais*. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz. *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: Ibplex, 2011. p 55-87.